

GRUPOS DE ESTUDO
sobre questões relevantes do *Relatório de Síntese* da Primeira Sessão
da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos

**POR UMA IGREJA SINODAL:
COMUNHÃO, PARTICIPAÇÃO, MISSÃO**

**GRUPO DE ESTUDO N. 2
A ESCUTA DO CLAMOR
DOS POBRES E DA TERRA**

SÍNTESE

[Texto original: inglês. Tradução preliminar]

O Grupo de Estudo 2 explorou como a Igreja pode aprofundar sua escuta dos clamores interligados dos pobres e da terra. Seu *Relatório Final* abre com uma reflexão do Cardeal Michael Czerny, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. A Primeira Parte do Relatório descreve as modalidades de trabalho do Grupo de Estudo, os limites encontrados e as lições aprendidas, enquanto a Segunda Parte oferece uma síntese das recomendações em resposta às cinco perguntas confiadas ao grupo. Seis apêndices apresentam reflexões e aprofundamentos adicionais sobre as recomendações.

Metodologia

A metodologia utilizada pelo Grupo de Estudo 2 baseou-se em princípios sinodais: participação, diversidade, encontro, discernimento e colaboração. Seus membros reuniram clérigos, especialistas leigos, teólogos e agentes pastorais provenientes da Ásia, África, América Latina, Europa, América do Norte e Oceania, garantindo intencionalmente a diversidade geográfica, vocacional, experiencial e a paridade de gênero. O grupo reuniu-se 23 vezes via Zoom, de julho de 2024 a outubro de 2025, com o apoio da equipe do Dicastério.

Foram constituídos dois subgrupos especializados. O *Subgrupo sobre Deficiência*, composto em grande parte por pessoas com deficiência, ofereceu sua expertise e redigiu o Apêndice B; o *Subgrupo Teológico*, formado por teólogos engajados junto a comunidades que vivem em situações de pobreza ou marginalização, redigiu o Apêndice E.

O Grupo de Estudo adotou diversos métodos para coletar contribuições em nível global, entre os quais:

- A análise dos materiais produzidos pelo Sínodo, dos quais emergiu que eles levantavam questões significativas mais do que fornecer respostas, apontando para a necessidade de uma escuta mais profunda e de pesquisas adicionais.
- Quatro breves questionários enviados em cinco idiomas a bispos, agentes pastorais, organizações, teólogos, formadores e pessoal do Dicastério, com o objetivo de explorar os obstáculos à escuta, as práticas eficazes, as propostas de novas estruturas e as reflexões sobre a formação.

- Uma sessão durante a Segunda Assembleia do Sínodo.
- Um apelo mundial para a coleta de contribuições escritas.
- A colaboração com a UISG no âmbito de uma pesquisa sobre a formação dos Institutos Religiosos Femininos, que gerou mais de 200 respostas, enriquecendo significativamente a análise da Pergunta 5 (Apêndice F).
- Um processo global de feedback que divulgou as minutas das recomendações em larga escala, coletando respostas de todos os continentes, incluindo 21 Conferências Episcopais e 15 organizações e pessoas individuais, garantindo assim uma verificação e um aprimoramento global das propostas.

O Grupo de Estudo identificou algumas limitações que condicionaram seu trabalho, entre elas:

- Lacunas geográficas, em particular a ausência de um membro proveniente do Oriente Médio, apesar de terem sido recebidas algumas contribuições da região.
- Limitações linguísticas, uma vez que o inglês era a língua de trabalho, o que afetou a profundidade da integração das contribuições expressas em outras línguas.
- Insuficiência de tempo e recursos para uma consulta culturalmente adequada às comunidades indígenas, cujos protocolos exigem processos relacionais prolongados.
- Limites temáticos pré-definidos, com a exclusão intencional de temas como a escuta digital e as questões LGBTQIA+, que se previa fossem abordados por outros Grupos de Estudo.
- Tempo limitado para realizar um processo sinodal plenamente circular, o que teria exigido um envolvimento local mais amplo e ciclos de feedback com as comunidades empobrecidas ou marginalizadas.

Da reflexão sobre o próprio processo sinodal emergem diversos elementos transversais:

- A sinodalidade requer tempo, confiança e diversidade: um trabalho autenticamente sinodal baseia-se na construção paciente de relações entre culturas e estados de vida, com um compromisso intencional de incluir mulheres e pessoas que viveram experiências de marginalização.
- A escuta deve ser relacional e participativa: uma escuta autêntica exige relações duradouras e recíprocas, especialmente com pessoas pobres, marginalizadas ou excluídas. As estruturas, por si só, não podem substituir o encontro relacional.
- Ouvir a terra requer novas capacidades: o grupo identificou lacunas na forma como as Igrejas locais atualmente ouvem e respondem ao clamor da terra, indicando a necessidade de novas competências e de uma consciência ecológica mais profunda.
- Os exemplos devem ser apresentados com cuidado: o grupo teve de equilibrar a necessidade de exemplos concretos com o risco de privilegiar involuntariamente determinados contextos. Por isso, privilegiou-se a formulação de princípios gerais, a favor de uma adaptação contextual.
- Os processos sinodais são abertos: um encontro e uma escuta genuínos se desenrolam por meio de ciclos iterativos de feedback, não por meio de um planejamento linear. O grupo enfatizou a humildade, a abertura ao conflito e a confiança no Espírito Santo no discernimento dos passos a seguir.

Síntese das Recomendações

A Segunda Parte do Relatório reúne as recomendações elaboradas por meio da escuta e do discernimento do Grupo de Estudo. Elas respondem a cinco perguntas fundamentais confiadas ao grupo, relativas à escuta, à conexão entre comunidade e serviço, ao trabalho em rede, à pesquisa teológica e à formação.

Escuta: Meios existentes e novos (Pergunta 1)

Os temas principais destacaram que: a Igreja já escuta por meio das paróquias, dos ministérios, dos órgãos de participação, dos grupos católicos indígenas, das estruturas de salvaguarda e das redes internacionais; a escuta deve se expandir para além da simples consulta passiva, rumo a relações recíprocas mais profundas que enfrentem medos, preconceitos e obstáculos estruturais; e a interligação entre o clamor dos pobres e o clamor da terra deve ser integrada de forma mais intencional. O Apêndice A ilustra os espaços, os tempos e os processos de escuta já existentes na Igreja, identificando ao mesmo tempo os obstáculos e propondo melhorias.

As 11 recomendações relativas aos meios de escuta incluem:

- A criação de plataformas online para compartilhar exemplos globais de boas práticas (por exemplo, a *Laudato Si' Action Platform*).
- O incentivo ao uso da Missa pelo Cuidado da Criação durante o Tempo da Criação.
- O fortalecimento da inclusão nos órgãos de participação, garantindo a representação de grupos vulneráveis, das mulheres e daqueles que provêm de territórios afetados pelas mudanças climáticas e por conflitos.
- A criação de estruturas regionais ou internacionais para ouvir os Povos Indígenas e monitorar a discriminação baseada no sistema de castas.
- A instituição de um Observatório Eclesial sobre Deficiência e a adaptação desse modelo em nível local para ouvir outros grupos marginalizados.

Conexão entre Comunidade e Serviço (Pergunta 2)

As mensagens-chave foram que o ministério social não pode ser delegado — todos os cristãos têm a responsabilidade de ouvir e responder — e que a comunicação bidirecional entre paróquias, ministérios, bispos e organismos é essencial para a missão compartilhada. O Apêndice C destaca que responder aos gritos dos pobres e da terra é parte integrante da missão de toda a comunidade cristã, e não apenas dos especialistas.

As 3 recomendações relativas à ligação entre comunidade e serviço abordam:

- O fortalecimento da comunicação e da colaboração entre pastores, bispos, ministérios e organismos.
- A obrigação de uma formação contínua em matéria de justiça social e ecológica para o pessoal pastoral, com experiências diretas de escuta e encontro.
- A disponibilização de apoio espiritual e pastoral — capelães, agentes pastorais, teólogos — para acompanhar aqueles que atuam nos ministérios de caridade e justiça.

Iniciativas de Rede e Defesa dos Direitos (Pergunta 3)

Os temas principais destacaram que: os clamores dos pobres e da terra devem ser abordados em conjunto, não separadamente, reconhecendo suas interligações estruturais; o trabalho em rede — entre dioceses, regiões, tradições religiosas e sociedade civil — reforça sua eficácia; e a reflexão, a avaliação, a análise de gênero e a transparência são essenciais para melhorar a escuta e a ação. O Apêndice D ressalta que as obras de caridade, a defesa dos direitos (*advocacy*), a pesquisa e o cuidado ecológico devem estar interligados e se reforçar mutuamente.

As 7 recomendações do Relatório relativas ao trabalho em rede e à combinação de diferentes tipos de iniciativas incluem:

- A promoção de respostas integradas a ambos os clamores, valorizando as competências específicas e o trabalho em rede em vários níveis.
- A formação na Doutrina Social da Igreja para aqueles que estão engajados no ministério social, na defesa dos direitos, na resolução de conflitos e na construção de ‘alianças’.
- O apoio ao alimento espiritual e às práticas de discernimento comunitário, incluindo os métodos da conversa espiritual.

Pesquisa Teológica em Escuta (Pergunta 4)

As mensagens-chave foram: a experiência vivida pelos pobres e pela terra é um *locus theologicus* privilegiado de sabedoria e intuição, e os teólogos devem cultivar a competência intercultural, aprofundar as relações com as comunidades marginalizadas e atuar de forma transdisciplinar. O Apêndice E apresenta a visão de uma teologia sinodal enraizada no encontro com as comunidades empobrecidas e com as comunidades ecológicas.

As 7 recomendações do Relatório sobre como a pesquisa teológica pode ouvir o que os pobres e a terra têm a ensinar incluem:

- A nomeação de teólogos provenientes de comunidades pobres, marginalizadas ou sub-representadas em órgãos consultivos em todos os níveis da Igreja.
- A facilitação do acesso à formação teológica para leigos, especialmente para mulheres provenientes de comunidades marginalizadas.
- A criação de redes globais que conectem teólogos a organizações que trabalham com pessoas pobres ou com comunidades ecológicas.
- O fortalecimento do diálogo entre comunidades pobres, cristãos de outras confissões e pares inter-religiosos sobre questões de marginalização e ecologia.
- O fortalecimento da formação em comunicação para teólogos, incluindo comunicação digital e pastoral.

Formação para a Escuta dos Pobres e da Terra (Pergunta 5)

Os temas principais destacaram que a formação deve ser compartilhada entre as diferentes vocações — leigos, religiosos e ordenados — promovendo a estima mútua e a colaboração, e que a escuta deve ser ensinada explicitamente, não dada como certa, e seu impacto transformador deve ser avaliado. O Apêndice F identifica as práticas que sustentam a formação para a escuta e ressalta a necessidade de integrar essa escuta nas dimensões intelectual, espiritual, relacional e experiencial.

As 20 recomendações do Relatório relativas ao âmbito crucial da formação incluem:

- Priorizar encontros diretos com pessoas em situação de pobreza e vulnerabilidade, garantindo que vozes diversas sejam ouvidas, tais como as de mulheres, crianças, comunidades indígenas e da criação propriamente dita.
- Reconhecer as pessoas em situação de pobreza como sujeitos ativos da evangelização, e não meros destinatários de serviços.
- Ensinar a escuta como parte integrante da Doutrina Social da Igreja, da defesa de direitos e do discernimento espiritual.
- Integrar as preocupações ecológicas e sociais.
- Garantir o acesso à formação para aqueles que vivem à margem, em particular os povos indígenas, as mulheres e as pessoas com deficiência.
- Fornecer recursos para a escuta, a competência intercultural, a análise de gênero e cultural, e a capacidade de responder ao clamor da terra.

Conclusão

O Relatório articula uma visão sinodal da escuta que é relacional, e não meramente procedural, inclusiva e atenta àqueles que mais frequentemente permanecem sem ser ouvidos, integrada entre ministérios, disciplinas e níveis da Igreja, e comprometida com uma conversão contínua por meio do encontro, do discernimento, da ação e da avaliação.

O Grupo de Estudo procurou encarnar as mesmas dinâmicas sinodais que recomenda: participação plural, aprendizagem humilde, escuta além das fronteiras e capacidade de resposta aos gritos concretos das pessoas e da terra. Suas recomendações oferecem caminhos estratégicos para fortalecer a capacidade da Igreja de se tornar cada vez mais uma comunidade que escuta com o coração de Cristo.